

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.v3n9p66-87>

**O SERTÃO PARA ALÉM DA ESTÉTICA DA BONITEZA DA DOR:
Reflexões a partir de Catingueira – PB**

**THE SEMIARID BEYOND AESTHETICS OF THE BEAUTY OF PAIN:
Reflections from Catingueira – PB**

**EL SEMIÁRIDO MÁS ALLÁ DE LA ESTÉTICA DE LA BELLEZA DEL
DOLOR: reflexiones que se originan en Catingueira – PB**

Antonio Luiz da Silva

Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
tonlusi@hotmail.com

Recebido para avaliação em 13/07/2017; Aprovado para publicação em 14/08/2017.

RESUMO

Partindo de um trabalho de campo etnográfico, seguindo observações participantes, conversas com pensadores locais e leituras de autores, objetivo pensar o sertão, no Nordeste do Brasil, refletindo sua construção/invenção histórica na dupla interface entre o real e o imaginário nacional. Chamo a atenção do leitor afirmando que o sertão não nasceu e nem está pronto, mas que vem se transformando na pluralidade das mãos índias, negras e brancas, mesmo destacando o desaparecimento das primeiras. Mostro como o sertão tem se tornado, ao longo dos séculos, um produto cultural inventado não apenas com base real, mas perfilado na expressividade humana calcada nos parâmetros criados pela “estética da boniteza da dor”. Reconheço que isso tem consequências para o melhoramento de sua percepção no imaginário nacional. Concluo criticando a imagem hegemônica do sertão, indicando que ela precisa ser reformulada para que corresponda mais à realidade vivida na região.

Palavras-chave: Sertão; Produto Étnico-Plural; Expressão Estético-Cultural; Imaginário.

ABSTRACT

Starting from an ethnographic field work, following participant observations, conversations with local thinkers, deepening the subject in specialists, aim to think about the semi-arid region in the Northeast of Brazil, reflecting its historical construction in its double interface between the real and the national imaginary. I point out that the semi-arid was not born ready, but has been transformed by the plurality of Indian, black and white hands. However, this does not deny the disappearance of the first two groups. I show how the semi-arid has become, over the centuries, a cultural product invented by the human expressiveness, marked by the "aesthetics of the beauty of pain." I recognize that this has consequences for their perception in the national imagination. I conclude by criticizing the hegemonic image of the semi-arid, indicating that it needs to be reformulated to correspond more to real life.

Keywords: Semi-arid; Ethnic-Plural Product; Aesthetic-Cultural Expression; Imaginary.

RESUMEN

A partir de un trabajo de campo etnográfico, configurado por observaciones participantes, conversaciones con pensadores locales y profundizando la temática con especialistas, el objetivo consistió en: pensar sobre el semiárido en el Nordeste de Brasil, reflejando su construcción histórica en su doble interfaz entre lo real y lo imaginario nacional. Se afirma que el semiárido no nació como se encuentra en la actualidad, sino que viene transformándose en la pluralidad de las

manos indias, negras y blancas, aun reconociendo la desaparición de las primeras. A lo largo de los siglos, se ha convertido en un producto cultural inventado, no sólo con base real, sino perfilado en la expresividad humana calcada en el parámetro creado por la “estética de la belleza del dolor”. Se reconoce que esto tiene consecuencias para su percepción en el imaginario nacional. Se concluye criticando la imagen hegemónica del semiárido, indicando que ella necesita ser rehecha para que corresponda más a la realidad vivida en la región.

Palabras clave: Semiárido; Producto Étnico-Plural; Expresión Estético-Cultural; Imaginario.

UMA BREVE INTRODUÇÃO

A vida sertaneja, como toda vida humana, esconde ‘mistérios’ que só podem ser perscrutados de dentro, do seu interior, do mais abscondito de seu próprio coração. Talvez por isso, o sertão nunca tenha sido dado a uma compreensão fácil ou a um entendimento redutível. Embora seja comumente confundido/entendido como um produto cultural, fruto do imaginário, parado no tempo, o sertão é também uma realidade concreta em constante transformação. E em sua concretude, misturado à imaginação que o produz, ele vem sendo construído, reconstruído pelas mãos de pessoas e, ao mesmo tempo, inventado, reinventado pela expressividade humana¹, configurando-se assim interpretação secular no Brasil.

Do que se pode apreender pelos documentos escritos, pelos relatos históricos, pelas manifestações artísticas, o sertão, desde longa data, mesmo construído pela força de muitos braços, acabou sendo imaginado no plano nacional como um mundão sem fundo, sem cercas e sem porteiras. Nesse imaginário, ele é, pra começo de história, um cafundó muito longe, quase um inencontrável geográfico despovoado. Aliás, ainda no século XVI, conforme Bernaski e Oliveira (2016, p. 404): “O sertão foi definido pelos europeus como área desabitada, de distância longínqua, lugar que necessitava ser habitado e ocupado pelo “progresso”, numa perspectiva europeia”. Desde os primórdios da ocupação/invenção do Brasil, os ‘invasores’ e observadores da nação achavam, inclusive, que no sertão não tinha nada, que o próprio sertão não tinha donos, como se seus primitivos habitantes nem contassem. Por essa e outras razões, conforme a opinião de Nunes (2014, p. 21): “Podemos dizer que o sertão, de início, era considerado como uma área inexplorada, misteriosa, uma promissora região para pensamentos fantasiosos ou imaginativos a ser utilizada como palco para as mais variadas histórias da ficção romanesca [...]”. Foi esse imaginário inicial que se construiu do sertão brasileiro.

¹ Aqui estou chamando de ‘expressividade humana’ todas as linguagens, manifestações artísticas e compreensões intelectuais, produzidas pela genialidade humana para servir como leituras acerca do sertão.

Mas não foi apenas no quadro histórico do passado que o sertão prestou-se ou deixou-se perceber como distante, rudimentar, inexplorado e desabitado pelo imaginário nacional. O sertão, em grande medida, continua sendo, para muitos ‘desavisados’, também no presente, como bem observaram Ribeiro e Silva (2014, p. 69-70): “[...] conhecido como o lugar distante, lugar do interior, com muito mato, de difícil acesso”. O sertão vem sendo aquilo que o labor humano constrói e aquilo que o pensar criativo imagina enxergar, mesmo quando o olho não alcança ver na lonjura, seja do espaço, do tempo ou das elucubrações teóricas e artísticas feitas a seu respeito.

Seja como for, penso que o sertão é mais, muito mais. É bom não perder de vista que ele é feito de gentes, desde sempre. Isso importa. Por isso, tenho pra mim que o sertão só fica bem reconhecido em sua diversidade. Aliás, parece-me que Euclides da Cunha e Guimarães Rosa², um a partir da Bahia e o outro de Minas Gerais, compreenderam bem aquilo que esse vasto território representa, grafando-o no plural.

De qualquer modo, apesar dessa visão parcialmente reificada no imaginário brasileiro, de minha parte, convivendo mais de perto e de dentro, tenho percebido que o sertão nem é mais desabitado, nem isolado e nem somente as muitas outras coisas ruins que dele se diz olhando-o de longe. Por essa razão, tenho defendido que boa parte da expressividade humana que veio sendo elaborada, ao longo dos tempos, com o intuito de divulgar o sertão, em especial sob a forma de romance, poesia, cordel, pintura, música, xilogravura, cantoria, cinema, novela etc., em algum momento vai precisar de revisão. Diria até que já não é sem tempo. É que ainda impera nos artistas e no imaginário dos que pensam o sertão uma poética hegemônica do sofrer, da fome, da miséria material, do abandono político e econômico, da saudade retirante, da migração, do apego às raízes deixadas para trás, do atraso em todas as dimensões do humano...

O conjunto da expressividade humana, construído nas muitas linguagens, ao redor do sertão acabou produzindo uma estética específica, a qual tenho chamado de “estética da boniteza da dor”. E aqui já dou razão àquilo que, refletindo sobre a estética, afirmou Tereza Cruz (2011, p. 98): “Do fenómeno do belo, a estética faz derivar uma via filosófica de compreensão do homem e do mundo”. Partindo-se da “estética da boniteza da dor”, ao redor do sertão todas as linguagens destacadas e reforçadas são pautadas no sofrimento, na falta, na carência, na penúria... Dificilmente se tem olhos para outras realidades. A expressividade humana inspirada no sertão parece destinada a produzir aquela lágrima, aquela tristeza plangente, aquela dor que corta o coração, visando ferir a sensibilidade e

² Aludo aqui aos títulos dos Livros “Os Sertões” e “Grandes Sertões: Veredas” dos referidos autores.

afetar a racionalidade, atingindo até o último neurônio que liga as terminações nervosas do espinhaço ao cérebro. Creio, contudo, que as realidades produzidas com base na “estética da boniteza da dor” não correspondem, ou pelo menos parecem não corresponder à realidade totalitária na maioria das situações sertanejas. Assim, a “estética da boniteza da dor” não pode representar a totalidade sertaneja. Algo lhe escapa. E é importante que assim seja e que assim seja vista.

Indo mais fundo no campo do imaginário humano, particularmente, me pergunto: que boniteza há numa paisagem exaustiva expressa num pote sem água, num açude seco, num pasto ressequido, com animais morrendo de fome? Por que, ao se imaginar o sertão, se insiste tanto em pintar quase que exclusivamente casinhas velhas de taipa, mulheres com latas d'água na cabeça, percorrendo longas distâncias para encontrar uma cacimba, ou meninos com enxadecos às costas? Por que os homens ainda são imaginados correndo atrás de bois, vestidos de gibão? Seguindo importantes estudiosos da literatura do sertão, conclui Nunes (2014, p. 28), “[...] o mundo do sertão foi levado a uma analogia com o mundo medieval, mais especificamente o mundo feudal, que tem no vaqueiro o representante do cavaleiro medieval”. Não que todas essas imagens não tenham importância ou que não mais existam. Mas é que quando isso se frisa, exacerbando as tinturas, não se costuma pôr em relevo as potencialidades humanas ou as outras possibilidades de transformação da vida sertaneja no presente e mesmo ao longo da história. Ao se agarrar a isso, não se enxerga aquilo que no sertão lateja. Gostaria muito, por exemplo, de ver pintada uma paisagem com os ônibus amarelinhos lotados de estudantes universitários. Aliás, essa é uma das mais lindas e esperançosas imagens contempláveis nos fins das tardes paraibanas a partir da praça principal de Catingueira. Sim, o sertão já tem várias escolas, públicas e privadas, oferecendo formação superior à sua juventude. De certo essa possibilidade ou inexistia ou era bastante pequena há 50, 30 ou 20 anos.

Sei bem que apesar de caricaturado, o sertão vem se construindo a partir dum território real. No entanto, não é possível negar que este real é também fruto de um imaginário. Assim, mesmo questionando a reificação das situações e as cores das paisagens projetadas sobre o sertão, via expressividade humana, todas inspiradas numa “estética da boniteza da dor”, nesse texto não tenho a intenção de negar a importância do imaginário em seu processo criativo, mas de ampliá-lo. Como ensina Edgar Morín (2010, p. 30): “A totalidade do real compreende, portanto, também o imaginário, o ideal, o dever-ser”. Nesse aspecto, sobre o sertão é preciso incluir o que ele foi, o que é, o que se projeta no

longínquo, e até aquilo que dele ainda não se tem coragem de imaginar. Logo, na imagética sobre o sertão pode caber o “isso não muda nunca” (Sula, 43 anos), “parece que o sertão vai virar mar” (Juvêncio, 54 anos), o “isso não tem nada a oferecer” (Cida, 28 anos), “esse sertão não é mais o mesmo” (Sandra, 64 anos) “meu sertão tem melhorado muito” (João, 32 anos) e também “este é o melhor lugar para se morar” (Emir, 13 anos).

Defendo, por tudo isso, que o ideal seria somente se pensar o sertão e a vida social nele a partir de uma compreensão dialética, uma dialética do possível ou do incerto, é verdade. Pois, ainda citando Morín (2010, p. 31): “O real se faz no momento em que o dever-ser encontra-se com um real que pode desfazer-se”. E nessa incerteza entra a questão mais perspicaz, a qual deve antecipadamente indicar que o sertão não é somente o que é, mas é o que um dia ainda será.

Este texto é uma parte do trabalho de campo etnográfico que venho realizando em Catingueira-PB, no arco intervalar de 2012 a 2016, de início em função do mestrado e atualmente por conta do doutorado. Embora não tenha visto tudo, o que seria impossível, tenho visto e pensado muito sobre o sertão. Nas páginas seguintes objetivo continuar refletindo sobre o sertão paraibano, considerando-o primeiro como produto concreto, objeto confeccionado por muitas mãos, e segundo como produto do imaginário, muitas vezes construído à distância. Para facilitar a leitura todo conteúdo aqui despejado foi dividido em cinco partes. Depois dessa introdução, apresentarei o campo do sertão que me fornece a inspiração basal para essa discussão. No tópico seguinte mostro o sertão paraibano enquanto produto real, reconhecendo que ele vem sendo feito por mãos brancas, índias e negras na história nacional. Em seguida apresento o sertão enquanto produto do imaginário, apontando alguns elementos de sua representação social para a nação. Por fim, estabeleço uma breve conclusão, onde critico a hegemonia da imagem reificada, defendendo que ela precisa ser ampliada para melhor corresponder a realidade sertaneja contemporânea.

LOCALIZANDO A EXPERIÊNCIA

Antes de me adiantar devo dizer que o espaço que anima meu olhar na elaboração desta reflexão é parte de um pedaço do vasto território do sertão, localizado no Estado da Paraíba, no Nordeste do Brasil e chama-se Catingueira. Catingueira-PB encontra-se no sertão. Mas não apenas no sertão. A sua população se considera ‘do centro do sertão’,

assim contou-me Isabel (28 anos), como se por uma ordem do acaso o sertão pudesse ter um centro.

Como os demais sertões da geografia nacional, o da Paraíba é imenso. Aliás, deixando de lado as outras microrregiões do Estado, depois de Campina Grande, que ainda é Agreste, todo o resto na fala das pessoas é sertão, e tanto faz se na direção das cidades de Serra Branca, Monteiro, Cajazeiras, Catolé do Rocha, Patos, Conceição do Piancó ou Itaporanga. O sertão paraibano conta com muitas dezenas de municípios pequenos. Catingueira se insere nessa rubrica, com menos de cinco mil habitantes.

Pois bem, partindo-se da capital, os caminhos que levam ao sertão paraibano, de fato, são repletos de muitas bonitezas poéticas. O céu que se estende por cima das estradas que conduzem às cidades do sertão, na maior parte do ano, é de um azul inigualável, com nuvens das mais alvejadas brancuras, todas esparramadas lá no alto, como se fossem capuchos de algodão. Certa feita, sentado ao meu lado no ônibus que me conduzia à Catingueira, embora indo para outra cidade do sertão, olhando pela janela, o José Henrique (6 anos), teve a sutileza inocente de mostrar um pouco daquele espetáculo: “Olha, mamãe, a nuvem acompanha a gente”. E, até chegar à Catingueira, a cada passo, vão surgindo as surpresas e/ou agonias que vão tanto enternecendo quando angustiando a alma do observador, numa profusão de sentimentos que nem sempre os piores podem ser apartados dos mais belos.

Nos intervalos que separam as pequenas cidades sertanejas aparecem sempre, misturadas com empreendimentos mais avantajados, algumas casinhas mais singelas como que sacudidas pelos caminhos, pelos rebentões, acolhendo a simplicidade da vida humana em sua pobreza material e/ou em seus condicionamentos históricos. Comumente, essas casinhas simples não são mais cobertas de palhas, como eram no passado, indicando que algo vem se modificando naquelas paragens. Crianças brincando, crianças expostas ao sol têm-se muito frequente ao alcance do olhar.

Ver aquelas casinhas simples e até casas maiores com suas cisternas de placas e com canos aparando as águas das chuvas que escorrem, de quando em vez, por suas biqueiras, com o objetivo de amainar as dificuldades da seca em tempos mais longos de estiagens, de fato, alegra o coração. “As cisternas, essa invenção dos últimos tempos, até dispensam os carros pipas por alguns dias e até meses, dependendo do consumo e da condição financeira de cada família”, segundo Carlos André (64 anos). Sim, é preciso pontuar: no sertão também chove, mesmo que em menor precipitação se comparado à beirada do mar. Mas quando a chuva chega, ela traz consigo um turbilhão de felicidades. Não me canso de

lembrar das fotografias e dos muitos vídeos que meus amigos de Catingueira postaram nas redes sociais, dando ao mundo notícias das chuvas ocorridas em 2016, o que na opinião deles tinha sido bastante importante para toda região. Na ocasião, o Daniel (13 anos) me perguntou se eu iria pra festa de São Sebastião, em seu argumento estava o desejo de me mostrar a Catingueira do alto, como me disse: “Esse ano, se continuar chovendo, vai dá pra gente subir a Serra”. A Serra da Catingueira é formada por uma enorme montanha de pedras, tendo piscinas naturais e cachoeiras com quedas d’águas, apenas quando chove, num espetáculo incomparavelmente belo.

É verdade que dependendo do calendário e do lugar, bem como do tempo de estiagem, no sertão tanto é possível se ver uma revoada de urubus a beliscar uma rês morta e desgarrada do rebanho quanto contemplar um pedaço de terreno qualquer demarcado por uma verdura atrevida e estonteante em meio às pedras. É importante não esquecer que o sertão tem vida. E em meio às possíveis forças da morte, o sertão tem resistido a quase tudo, se superando. O sertão vive.

Do que tenho visto, imagino que o sertão não pode ser pensado como um evento finalizado. Aqui e acolá tem uma barreira furada, donde terras estão sendo retiradas para as construções e para o alavancar do ‘progresso’ da região. A um passo mais adiante pode-se encontrar uma empresa arrancando pedra ou fazendo cal. Vez por outra, à beira do caminho, é possível se contemplar um arremedo de irrigação, puxando águas por encanações muito rudimentares, águas que foram se juntando em estreitos açudes. É verdade que nada pode oferecer indicativos de que esses açudes de beira de estrada tenham sido projetados para uma convivência mais humanizada no semiárido³. Mas essas coisas existem como pequenas soluções e até como paliativos situacionais emergentes.

Além disso, as principais rodagens paraibanas que conduzem ao sertão são relativamente bem conservadas. E a maioria das cidades tem refeito suas antigas estradas, melhorando o deslocamento de suas populações e até saindo do possível isolamento a que se costumava pensar. Uns atribuem esse feito ao atual governo do Estado⁴ e outros dizem que já há mais tempos elas vinham sendo melhoradas, por isso no curso dessa meia década de viagens de pesquisa não mais vi crianças empobrecidas a tapar buracos pelas estradas, como era costume no passado não tão distante. E, mesmo não tendo garantias, espero que

³ Diferente das pessoas que lá residem, semiárido é o nome que estudiosos de diversas áreas preferem para o sertão. O homem e a mulher do sertão normalmente se sentem sertanejos. Neste trabalho dou preferência à palavra sertão, tanto em respeito ou seus habitantes quanto pelo histórico que ela representa para o imaginário da nação.

⁴ O governador do Estado, Ricardo Coutinho, do PSB – Partido Socialista Brasileiro, tem aproveitado esse fato para se autoproclamar como um gestor diferente de todos os que vieram antes dele.

o sertão paraibano não precise mais ver aquele espetáculo horrível novamente, sobretudo pelo que ele representava para a própria infância nordestina.

É nesse sentido que digo que as imagens nuas que o olhar captura pelos caminhos e mesmo dentro do sertão acabam servindo para baratinar a mente de quem pensa que a paisagem sertaneja é uma só, que não se transforma nunca, estando lá num completo esturricamento climático, reverberando no político, no cultural e no social. Para Solange Guimarães (2002, p. 120): “[...] todas as paisagens são heranças em vários sentidos, seja como realidade terrestre ou realidade cultural, transformadas a todo instante, de maneira contínua, ao longo dos tempos”. Sim, é desse modelo que tenho visto o sertão: uma paisagem em movimento de transformação.

O SERTÃO COMO TERRITÓRIO FEITO NA PLURALIDADE DAS MÃOS

Do ponto de vista histórico e geográfico, o sertão é muito mais que um vasto mundão. É um território formado por gentes, por costumes, por gostos, por culturas. É um território construído e em construção. Conforme Augusto, Feitosa e Bomfim (2016, p. 146): “O território é identificado como espaço humano vivo, no qual a história dos sujeitos individual e coletivamente se constrói [...]”. O território pode ser espaço político, de lutas, de derrotas, de subjugamentos, de opressão, mas também de conquistas, de sonhos, de esperanças. Por isso, na opinião dos supracitados autores, mesmo atravessado por relações de poder, o território é o “[...], lugar em que os riscos e as vulnerabilidades sociais se estabelecem e onde as potencialidades comunitárias geram modos de enfrentamento às condições de sofrimento” (AUGUSTO; FEITOSA; BOMFIM, 2016, p. 146).

Invariavelmente nesses meus deslocamentos para Catingueira tendo a me perguntar, pensando nas célebres explicações de Darci Ribeiro (2004) sobre a formação do povo e ocupação do território brasileiro: como foi possível que homens e mulheres tenham rasgado todo aquele universo, a pé ou ao lombo de animais, se estabelecendo aqui e ali, demorando em povoamentos, ao ponto de mais tarde transformarem os espaços em cidades? Por que fizeram desta e não de outra maneira?

Sem dúvida, desde seus primórdios, os construtores reais do sertão paraibano o vêm fazendo com os meios de que dispunham e dispõem e com a inteligência que lhes era e é ainda acessível. E pensando mais contemporaneamente, é inegável as contribuições impostas pelos vaqueiros e tangedores de animais, pelas ambições pecuaristas, pela ganância comerciária, pelas aventurices dos Tropeiros da Borborema, conduzindo

mantimentos e produções rurais, num vai e vem constante, tudo isso realizado com aquilo que a vida de antanho lhes facultava.

No território paraibano a inteligência que foi se conduzindo ao sertão criou vários caminhos, um deles sai de Campina Grande e vai até Cajazeiras, praticamente a última mais importante cidade do Estado antes de desembocar em terras cearenses. Para Cardel (2016, p. 68): “É de conhecimento público que as rotas criadas pelos primeiros desbravadores dos sertões brasileiros nunca foram abandonadas pelas populações interioranas, como demonstra o farto material histórico e popular [...]”. Se os caminhos não se fecharam, isso significa que eles continuaram utilizados. Disso se depreende que sempre houve um desejo de comunicação, de negociação, de contato. De posse dessa informação, conclui a citada pensadora: “Portanto, a crença que impregna o imaginário social brasileiro sobre o isolamento do homem rural não se confirma, quando submetida a uma análise social e científica mais ampla” (CARDEL, 2016, p. 68). O sertão nunca quis estar só. É claro que a velocidade dos deslocamentos sertanejos e as relações de trocas da atualidade são bem outras, completamente diferentes das estabelecidas no passado, mas, guardadas as devidas circunstâncias, eram modalidades tão inteligentes quanto as que existem continuadas e ampliadas no hoje.

Por falar em inteligência, cabe-me alumiar que ainda hoje o sertão construiu um tipo de agilidade mental que comove, num formato que não se distanciou do afeto. Uma inteligência que não se divorciou da terra de origem nem das ideias dos livros, mesmo quando a estes últimos não se teve tantos e tão amplos acessos. Nesse sentido penso e incluo em meu entendimento tanto o grande Ariano Suassuna, conhecido internacionalmente por sua obra, quanto o seu Agenor (85 anos), pensador anônimo de Catingueira, formulador de muitas frases explicativas lapidares a respeito do sertão, uma personagem que tantas vezes contracenou comigo nesse longo processo de investigação. Obrigo-me a comungar com aquilo que afirmam Demétrio e Barbosa (2016, p. 37-38): “Os processos afetivos e cognitivos humanos envolvem-se no ambiente social, histórico, cultural e físico, representando a forma que as pessoas sentem, pensam e vivenciam o espaço em que estão implicadas”. A inteligência sertaneja seria bem outra se feita em outro lugar e em outras condições. Mas, talvez por isso, a sua resistência, a sua persistência, o seu apego ao chão e até mesmo o seu amor às raízes, coisas que se existem em outros lugares, não se igualam e nem superam, em intensidade, no modo vivido a partir do sertão.

O sertanejo, refiro de modo particular ao sertanejo mais pobre, parece não se contentar ou não buscar se acostumar com o fácil. Quando se olha para o passado

sertanejo sem essa dimensão se anula um pouco o seu potencial. Por isso, reparando mais demoradamente, o sertão parece ter sido feito aos empurrões, na munheca, na bala, no machado, na força e na peixeira. Foi tecido por mãos trabalhando. Como transparece majoritariamente branco em suas narrativas e em seu comando histórico, devo pensar que esse grupo, o mais poderoso desde sempre, foi encurralando, talvez como fazia com seu gado, os primitivos habitantes daquelas paragens, dominando-os, sacudindo-os para bem longe com o pretexto da ocupação de suas terras, mas não sem antes ter aproveitado as suas contribuições.

Disso tratando, devo confessar que para mim é espantoso que na extensão do caminho do sertão paraibano que conduz à Catingueira, e mesmo naquela vastidão do território municipal, nenhum grupo indígena tenham ainda ousado reivindicá-lo como torrão originalmente seu. Como assim, não sobraram índios nos caminhos do sertão paraibano? Embora não tenha certeza, temo que não.

Fato é que na Paraíba, mesmo sofrendo toda sorte de descaracterização e críticas, os mais aguerridos guerreiros indígenas sobreviventes permaneceram resolutos, chamados de índios ou caboclo, no meio dos estilhaços de balas, no derramamento de sangue inocente e nas perseguições às beiras do litoral. E os que povoavam o sertão e até ajudaram a construí-lo nos moldes coloniais e imperiais, dando a ele parte do rosto que ainda hoje conhecemos? Sumiram da paisagem? Sumiram ou foram sumidos? Não estão mais ou estão apenas eclipsados? Voltarão algum dia mais para frente de sua redutibilidade ao nada? É o grande Darci Ribeiro (2004) quem defende que o indígena é irredutível. Diz ele que mesmo restando um só sobrevivente, este poderá retornar para reivindicar sua posse genética e histórica.

Comparando a experiência indígena no território do sertão no Estado vizinho, Rio Grande do Norte, a partir da historiografia, é conclusivo o sentimento de Macedo (2008, p. 449): “Desaparecimento. Essa palavra resume a sensação que nos fica quando adentramos pela história do Seridó, sertão do Rio Grande do Norte, gravada nas páginas da historiografia regional, sobretudo nos trechos que remetem aos índios”. Porém, antes do seu desaparecimento, o mesmo autor destaca elementos que tanto apontam para a sua dizima quanto para a sua escravização.

Como é improvável que os primeiros habitantes e construtores do sertão paraibano tenham sido somente os vaqueiros, os camponeses pobres e/ou os fazendeiros brancos, observando a ausência do elemento indígena, inclino-me a pensar que a herança biológica daqueles povos, possivelmente, tenha se perdido, parcial ou totalmente, no tempo e no

abismo da memória. De qualquer modo, é possível que o indígena do sertão tenham sido não apenas tangido para longe, mas aniquilados pela ganância das ricas mãos brancas.

Mas o fato dele não estar presente na paisagem também compõe uma explicação e um questionamento. Lembro aqui dois pequenos relatos históricos, contados por Meira e Apolinário (2009) que me tem ajudado a suspeitar do ‘desaparecimento’ do indígena no sertão paraibano. Eles informam que em 5 de setembro de 1744, o capitão-mor da Capitania Real da Paraíba, João Lobo de Lacerda, escrevia ao rei D. João V, queixando-se da “[...] dificuldade em se catequizar os indígenas do sertão paraibano, porque estes últimos não aceitavam, pacificamente, os meios espirituais pregado pelos padres carmelitas, nem a língua geral (o tupi-guarani) imposta no processo de aldeamento, lutando por sua liberdade” (MEIRA; APOLINÁRIO, 2009, p. 2). De pronto aparecem aqui dois elementos curiosos. Como assim, eles não queriam abrir mão de sua fé? Eles eram rebeldes? Também conforme os mesmos autores, em 28 de abril de 1786, o governador da Capitania da Paraíba, brigadeiro Jerônimo José de Melo e Castro, escreveu uma carta à rainha D. Maria I, revelando que o capitão-mor da Vila de Pombal, Francisco de Arruda Câmara, praticava enormes excessos, prendendo, matando e estuprando índios e índias. O brigadeiro temia que aquelas atrocidades e tiranias, não punidas pela coroa, pudessem acabar “[...] provocando o ódio e a conspiração de grupos indígenas aliados, como os Korema e os Pegas” (MEIRA; APOLINÁRIO, 2009, p. 2). Parece-me que o indígena do sertão, portanto, seu primeiro construtor, formava um grupo que não estava disposto a se anular, mesmo que algumas etnias estivessem figurando como aliadas da coroa. Cabe, entretanto, lembrar que os índios da grande nação Cariri, que povoavam a maior parte do interior da Paraíba, eram dotados, na opinião de Monteiro e Silva (2016, p. 43): “[...] de um espírito guerreiro e bravo que a todo custo protegiam suas terras, sobretudo, no início da conquista do sertão com as grandes construções de currais”. Mas, se a valentia, a rebeldia e a resistência foram suas armas, a aniquilação acabou sendo a moeda de seu silenciamento e extirpação fatal.

De qualquer modo, é hoje inegável a sua contribuição para a transformação da paisagem sertaneja. E entendendo a paisagem do sertão no conjunto de uma explicação mais ampliada, dou razão àquilo que diz Guimarães (2002, p. 121): “[...] podemos ainda considerar a paisagem como o legado de um jogo de forças, testemunhando não somente a ação dos elementos e processos naturais, mas também as interferências da presença humana”. Imagino, portanto, que a quebra de braço que torceu grupos mais fracos, que

contou sua história e a fez ouvida e lida como saga sertaneja hegemônica, ainda tem muitas páginas a serem reviradas.

De todas as conversas que tive com importantes pensadores sertanejos, nenhum deles tinha registro mnêmico da existência de indígena nos territórios de Catingueira. Há quem fale de pinturas rupestres e de vestígios materiais na zona rural, mesmo sendo tudo isso muito vago. Mas é impossível que eles não tenham existido... Lembro aqui que a Pombal acima referida, do ponto de vista geográfico, é relativamente próxima à cidade de Catingueira. Além disso, bem ao seu lado encontra-se a cidade de Piancó, que não é apenas um nome indígena, mas uma homenagem ao cacique da tribo Korema que integrava a grande nação Cariri, estendida pelo sertão paraibano.

Outro componente étnico-racial, construtor do sertão, que aparece mal contemplado na paisagem sertaneja é o elemento negro. Aprofundando essa questão no plano nacional a partir de textos que perfilam o inicial pensamento social brasileiro, afirma René Marc (2011, p. 69): “Quando muito, se reconhece-lhe uma presença diminuta no sertão, negando-lhe, todavia, qualquer influência histórica civilizacional real. Numa palavra, o negro no sertão é uma realidade invisível”. E se olho rapidamente o sertão, a partir de Catingueira, constato que ele é numericamente mais branco. É claro que essa afirmativa, de qualquer forma, precisaria de uma comprovação estatística, reconheço. Mas isso não a invalida.

Afunilando o tema e reconhecendo que também boa parte da historiografia fez pouco caso da figura do negro para o desenvolvimento da economia sertaneja paraibana, aconselha Santos (2011, p. 5): “[...] não devemos desprezar a participação desta mão-de-obra nas fazendas de gado”. O motivo de sua cautela provavelmente encontra-se no fato dele ter conhecimento de um levantamento estatístico, informando que, em 1852, Piancó-PB dispunha de 997 escravos, Sousa-PB contava com 3.446, e Pombal-PB tinha 915 (SANTOS, 2011). Para mim, mesmo que não se refira à cidade de minha investigação, importa saber que todas essas cidades são do eixo sertanejo paraibano e estão relativamente próximas à Catingueira.

Em Catingueira, embora a expressividade negra não tenha recebido melhores acalantos, não existindo na cidade, por exemplo, nenhuma manifestação do Culto Afro, é sabido que lá também existiu escravidão, quando ela nem era emancipada. Aliás, no centro da cidade, encontra-se hoje uma homenagem ao poeta, repentista, embolador, escravo, Inácio da Catingueira, conhecido especialmente na literatura que se interessa pela cultura popular (PATRIOTA, 1998/1999). De acordo com Pires (2007, p. 71): “Inácio da

Catingueira é considerado um dos maiores repentistas de toda história. Era negro, escravo e analfabeto, mas com sua astúcia e inteligência foi capaz de derrotar Romano de Teixeira, repentista também afamado, porém branco, livre e formalmente educado”. É Inácio também quem dá nome à principal escola do Estado. Mas onde estão os seus parentes de sangue ou de sina?

É verdade que há pelos caminhos do sertão, aqui e acolá, diferente dos indígenas, remanescentes de quilombolas. Em Catingueira os pensadores locais estão considerando como resquícios de quilombos um agrupamento humano que fica lá no Sítio Curtume (SECULT, 2012), mas isso não se encontra registrado oficialmente, não tendo ainda sido cumprido os trâmites burocráticos da antropologia e da experiência jurídica oficial.

Enfim, considerando que o sertão é obra construída na história, retirar dele as mãos negras e indígenas, deixando apenas as brancas, seria capengar na informação.

O SERTÃO COMO PRODUTO ESTÉTICO-CULTURAL

É claro que todos os territórios humanos habitados constituem construções materiais, tendo os sinais das mãos de trabalhadores e trabalhadoras. No caso do sertão, disse acima que negros, brancos e indígenas o fizeram e de alguma forma grupos humanos contemporâneos continuam refazendo-o através de gerações. Contudo, para além desse elemento concreto, o sertão é também resultado de uma rede de invenções sociais, intelectuais e culturais. Essa rede de inventividade não foi tecida de uma única vez. Ela foi sendo puxada, para um lado ou para o outro, conforme as possibilidades dos elementos humanos que estavam presentes no sertão e fora dele. Assim, a partir de uma razão de base material, as muitas realidades históricas do sertão foram sendo varadas por idealizações, sonhos, utopias, imaginações, etc.

Ao longo dos cinco séculos da recente história nacional, contada tanto para o Nordeste quanto para outras regiões sertanejas do país, várias linguagens vêm se encarregando de produzir um conjunto estético marcante para sustentar ideologicamente as paisagens pintadas, descritas, pensadas do território chamado sertão. E hoje tem se tornado bastante difícil, nessa rede de construções e invenções que é o sertão, na maioria das vezes, estabelecer uma separação muito clara entre uma realidade concreta e uma realidade imaterial, teleologizada a priori ou ideologizada a posteriori.

Para compreender essa construção, que é simultaneamente social, política, cultural e estética, elaborada acerca da região é preciso colocar em relevo as linguagens que foram

produzidas e que vêm reforçando ao longo dos tempos as imagens do sertão no imaginário humano. Penso na literatura dos viajantes (MARC, 2011), nos vários gêneros jornalísticos, dos escritos, dos radializados ou televisados, alguns com caráter bem ‘panfletário’ sobre a vida no sertão. Atento às propagandas, sobretudo, aquelas produzidas nos tempos da política, mostradas em sobrevoos sem pouso em pedaço algum. Chamo a atenção para a literatura nacional, do romance ao teatro, passando pelo intervalo da ficção popular do cordel. Nesse sentido devo concordar com aquilo que afirma Cristóvão (1994, p. 44): “Há, pois, múltiplas e complementares leituras do sertão iniciadas praticamente no Romantismo e que não mais cessaram até os dias de hoje”. Penso, pois, em particular, em obras literárias como o Sertanejo de José de Alencar e Inocência do Visconde de Taunay que, conforme Nunes (2014), inauguram o nosso sertanismo na literatura nacional, tentando explicar o Brasil e seu modo de vida nas paragens mais afastadas do Ceará e do Mato Grosso, respectivamente. Imagino a música, do forró à sofisticação da MPB, dos repentistas aos emboladores, com relevo para a importante obra de Luiz Gonzaga, que na opinião de Vieira (2012), mostrou o sertanejo como o homem trabalhador, não importa se camponês, vaqueiro ou migrante. Destaco o cinema que, em seus relatos, recria a saga nordestina, desde as ocupações, atravessando pelo cangaço até às migrações, reconhecendo vários dos seus surtos produtivos, como o ciclo da pecuária, do café, do algodão, da cana de açúcar etc. Lembro-me das novelas, daquelas que reproduzem cenários como se fossem ‘realmente’ a região. Toda essa produção vem recortando séculos. Pode-se assim dizer que o imaginário ao redor do sertão, embora no Brasil tenha um pouco mais de cinco séculos, já é bastante envelhecido, quase esturricado nas páginas do tempo nacional, sendo para Cristóvão (1994, p. 43): o “[...] lugar que, simultaneamente, se afirma e se nega, é tempo, sobretudo, de outros tempos, é reino do fantástico e do mítico”.

Embora o ideal fosse pensar-se o sertão no plural, de fato, o costumeiro, o usual, tem sido reduzir e reificar o sertão em apenas algumas poucas imagens hegemônicas. Assim, quando o sertão é posto em imagem, o que salta aos olhos é sua áspera pobreza, seu baixo índice de desenvolvimento humano, seu atraso tecnológico desenvolvimental, suas duras condições materiais, sua sequidão e circunstâncias geopolíticas mais ruins. Há uma leitura preferencial pelo lado mais ‘amargo’ da vida sertaneja. Cristóvão (1994), olhando o sertão a partir de sua complexidade na literatura nacional buscou se apropriar de três figuras da teologia para explicá-lo, as quais ainda me parecem bastante oportunas para uma análise dentro do imaginário brasileiro. Para ele, as imagens do sertão, ao longo da história nacional, passam pelo céu e vão ao inferno, mas também estacionam no purgatório. Em

outras palavras, o sertão, de tão distorcido no ideário da nação, ainda é um permanente purgar. No fundo, pode não ser um inferno, embora seja bem quente, mas também não é o céu ou seu quase equivalente, o paraíso, sobretudo, para aqueles e aquelas que o imaginam à distância.

Talvez por isso ele vem sendo performatizado como uma totalidade “quase”. Quase sem vida, que parou no tempo e que não tem quase nada para oferecer à sua população. No imaginário mais distante dele, o sertão é quase um elemento de museu, parado no movimento do relógio humano e estacionado na memória nacional. A estética que se construiu da região é marcada por imaginários seculares bastante petrificados. E a imagem que se tem daquela vasta região é tão apurada e aprumada, tão bem acabada que dá trabalho removê-la das mentes de muitos de seus comentadores.

A imagem hegemônica, geralmente não tanto esperançosa, apesar de não fazer sentido quando o sertão é olhado mais de perto, pouco importa mesmo quando alguém se refere à região com outro nome. Como notou Lopes (2010, p. 78): “Quando se menciona o semiárido, o imaginário coletivo o relaciona a áreas ressequidas, rios que se tornaram valas cortando o chão, animais mortos de fome e sede, pessoas saindo de suas terras em busca de alternativas de vida, fugindo da pobreza e da miséria”. É bem isso que se espera do sertão.

Não estou dizendo que uma realidade mais sofrida não exista ou que nunca existiu. Também não estou defendendo a inexistência de problemáticas climáticas, seria uma tontice. Os estudiosos da região continuam falando e debatendo acerca de formas de convívio no semiárido, problemas ligados ao polígono da seca, socorro às populações sertanejas, o uso de carros pipas, planejamento e melhor utilização de recursos hídricos etc. Os gestores, aqui e acolá, decretam estado de calamidade, culpando as estiagens mais longas. Nesse sentido, olhada apenas em seu lado positivo, a transposição das águas do São Francisco, atravessando uma parte do sertão, será um importante marco e um sinal de esperança para o sertanejo.

Mas a minha questão, diante da imagem hegemônica, é: o sertão é somente isso? O sertão estaciona numa imagem esturricada? E mais importante, terá sido somente isso o sertão ao longo de sua existência? Por que se insiste nesse ideário? É bem verdadeiro, como mostrou Albuquerque Jr. (2001, p. 151), que “a identidade regional permite costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religam os homens do presente a um passado, que atribuem um sentido a existências cada vez mais sem sentido”. É importante questionar o que queriam ou querem os seus inventores, ressecando o sertão na

fome, na estiagem, na bruteza humana, na violência? A quem interessa a imagem ruim e rude do sertão? É importante perguntar o quão ideológico tudo isso é, mesmo que não se tenha resposta cabal.

Sei bem que o olhar dirigido às comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos é frequentemente bastante desfigurado. Para parte das gentes dos centros mais ricos do país, o Nordeste inteiro é tão somente sinal de atraso nacional e penúria. “Para alguns, o nordestino ainda espeta um calangos ou caça uma ratazana quando quer comer um pedaço de carne”, contou-me André (35 anos), reclamando da consideração que recebe quando tem de trabalhar fora da região. Mesmo entre nós, olhando-o a partir do mar ou dos grandes centros regionais, fora do seu universo, o sertão é visto, quase sempre, como uma região inteira que não tem nada (SUÁREZ, 1998) na melhor hipótese, ressecada pelo sol escaldante, castigada pelas inclemências climáticas, abandonada politicamente, condenada pelos imaginários de todos os tempos e enfim, na pior situação, como região que nunca sofrerá transformações.

Admito que uma parte dessa estética dolorosa, mais no passado e bem menos no presente, contém pedaços de ‘verdades’. Só pedaços. Claro que o exacerbamento imagético do sertão vem, há séculos, sendo vendido por poetas, romancistas, pintores, cantores, compositores, produtores de teatros, diretores de filmes e novelas, alguns dos quais contemporâneos, inclusive. E este dado compõe uma parte da questão. A outra parte encontra-se na aceitação inquestionável das imagens transmitidas em divulgações e publicações. E nesse sentido, a compreensão que se tem do sertão enquanto território humanamente habitado vem sendo assimilada tanto por seus habitantes quanto por seus ‘consumidores’, a partir dos exageros das narrativas.

Aliás, até quem lá vive, mesmo não vivendo em condições degradantes, é possível ver seu torrão como região atrasada, afastada, esquecida, consumindo, gratuitamente, o ideário da “estética da boniteza da dor”. Ou, na linguagem de um sertanejo catingueirense, seu Agenor, (85 anos): “Quem mora em Catingueira e daqui nunca saiu, vive por detrás do mundo”. Talvez para ele Catingueira não represente o sertão. Porém, de qualquer modo, a conclusão de que o sertão parou no tempo, que está lá petrificado ou esturricado, é um passo curto. Entretanto, é preciso não esquecer que, como nos revelou Saraiva (2012, p. 24), “[...] as pessoas estão no e pertencem ao território e, ao mesmo tempo, elas o produzem”. Aliás, elas não param de produzi-lo. Certamente, se os dados homogêneos não forem ‘pacificamente comprados’, eles só podem ser aceitos por quem nunca viu nenhum pedaço daquela enorme região com seus próprios olhos.

É verdade que, contrariando a razoabilidade, tanto a produção midiática quanto a acadêmica ambas também teimam em não sair desse circuito esturricado. Talvez porque vende mais quando se mostra esse jeito agoniado do sertão. Porém, agindo assim, acabam utilizando a mesma estratégia técnica do turismo nas capitais, em que apenas se mostra o mar e nunca a vida nas periferias. E hoje todos sabemos que a periferia tem vida e beleza em todos os recantos.

De qualquer modo, não dá pra nivelar todo o sertão por baixo ou pela análise do lado mais enfeiado. Olhando para o sertão no Estado da Bahia, afirma Lopes (2010, p. 79): “Há, sim, áreas pedregosas e praticamente secas a maior parte do tempo com pouca possibilidade de exploração econômica. Há outras ricas em minérios valiosos, como o ouro, ou importantes para a indústria, como o urânio”. Conta-se que Catingueira tem uma “mina de ouro”, cuja exploração ainda não avançou suficiente para “abençoar ou amaldiçoar a região”, como disse Anízio (38 anos). Outros contam que ela não avança porque só serviria de maldição. Catingueira tem açudes. Ela também dispõe de belezas ecológicas como a Serra da Catingueira, que quando chove faz despencar cachoeiras d’águas num espetáculo de inigualável beleza. Tem atrativos, como o João Pedro, uma espécie de comemoração junina fora de época, que continua em julho os festejos na região, ou a festa de seu padroeiro, celebrada a cada início do ano, que reúne uma incomensurabilidade de participantes, sendo boa parte deles formada por filhos da terra, os quais se encontram morando em outras partes do país, mas que voltam para se confraternizar em sua terra natal. O sertão paraibano tem cidades populosas, aliás, a terceira mais importante cidade do estado encontra-se no sertão, e chama-se Patos-PB. Ele tem centros universitários, como cursos importantes como medicina, direito, mecatrônica. É pouco? Pode ser, mas a vida segue se ampliando.

Acredito ser importante não perder de vista que o sertão é, entre outras realidades, uma experiência cultural marcante. E essa experiência cultural é, para Suárez (1998, p. 29): “[...] permeada por imagens afetivas, por sentimentos e também por sentimentalismos”. Além de marca cultural, o sertão é também uma realidade identitária nacional. Embora não defenda a reificação, não posso negar que o sertanejo se autoreconhece desse lugar e faz questão de ser reconhecido como tal. “Eu sou do sertão” é uma das primeiras falas do sertanejo em sua apresentação. Parece, inclusive, que o Brasil que começa no mar se afunda e se aprofunda no sertão, completando o quadro da identidade nacional. Porém, ao defender o sertão como marca cultural e como modo de identidade, penso não ser demais trazer a reflexão de Duschatzky e Skliar (2001, p. 135): “As culturas não são essências,

identidades fechadas que permanecem através do tempo, mas são lugares de sentido e de controle, que podem alterar-se e ampliar-se em sua interação”. Nesse jogo, o sertão é o que é e o que foi, mas pode não ser nada do que para ele foi idealizado à distância. Sim, as imagens do sertão podem mudar, não estando, obrigatoriamente acorrentadas ao passado. Estou pensando aqui no homem usando chapéu de couro e gibão, largamente pintado, descrito e cantado, que ao longo de mais de meia década de convívio investigativo não mais o vi no sertão paraibano.

Entendo ainda que o território sertanejo é feito sobre um mapa carregado de emoção. Digo isso também pensando um pouco nos mapas afetivos de Augusto, Feitosa e Bomfim (2016). É, sobretudo, um território que possui uma estética própria, uma inteligência e um modo de ser e de fazer as coisas, que talvez não se iguale tanto ao modo de outras regiões. Isso vale para a sua política, para a sua capacidade de aprender, de se relacionar, de encarar a vida, de sofrer, de se alegrar, de espantar suas dores, de resistir, de viver e de transformar a existência. Pela ótica do afeto, é preciso reconhecer que no mesmo espaço geográfico convivem o sertão mau, ruim, abandonado politicamente e o sertão bom no imaginário, estando ambos sempre juntos e misturados. Um é o sertão da saudade, o bom sertão das comidas típicas, das memórias afetivas, da infância vivida dum modo que se foi, para onde se quer sempre voltar, mesmo que não para ficar em definitivo. O outro é o sertão da escassez de oportunidades, que cerceia parte da possibilidade de expansão do gênero humano. Mas ambos estão lá, e palpitam, e latejam. Somente assim, como defendem Silva, Costa e Moura (2014, p. 259): “[...] é possível olhar para a relação ser humano - espaço/natureza com outra perspectiva: a do elo afetivo, que tanto pode existir numa vertente de familiaridade, ou topofilia, como numa de horror e aversão, ou topofobia”. O sertão dos sertanejos, diferente do sertão secularmente ‘vendido’, é, sem dúvida, também o território do apego, do afeto, das marcas mais profundas na emoção humana. Mas é também o sertão que não é mais como fora no passado.

UMA PALAVRA PARA FINALIZAR

A meu ver, o desenho que muitas pessoas fazem do sertão tem se tornado, cada vez mais problemático, porque descontextualizado e a-histórico. E assim tem-se de lá a imagem uma região em frangalhos, esturricada na secura climática, feita numa tessitura embotada, ainda no tempo que foi, num tempo pretérito. Penso que a imagem mais sofrida do sertão, se somente isso foi, não é mais somente aquilo que da região se disse, reproduzindo um

cancioneiro ou uma literatura petrificados no passado. O sertão continua como paisagem humana em fazimento. E se o passado mora nele, mora também um presente e um futuro. E assim, ele é tanto o que dele foi feito/dito quanto o que ele na atualidade realmente é. Contudo, é bom não esquecer que nesse intervalo firmado pelo foi e pelo estar sendo muito se fez e muito se deixou por completar, então o sertão é também devir, é projeto, é processo. É incerto. Seus homens, mulheres, jovens e crianças são seres sociais concretos e, como sertanejos, são seres humanos universais, vivendo de modo singular numa realidade bem particular (OLIVEIRA, 2005). Essa realidade é a marca da região.

Penso que para olhar o sertão, tentando entendê-lo sem as maquiagens da “estética da boniteza da dor” e das linguagens históricas que lhe foram impostas, com ou sem base real, muitas vezes de fora, qualquer pesquisador não teria outra escolha a não ser a de compreendê-lo como um território que necessita ser escrutinado com o coração, com a alma, a partir da inteireza de todos os sentidos humanos. Pois, ao lado daqueles que o pintam e que o estudam de fora, o sertão tem também seus artistas, seus poetas, tem pessoas que o amam, o pensam e que o rimam vivendo nele. E é verdade que o sertão é visto com dor, mas é também contemplado com amor, com fé, com esperança, com paixão, aliás, com a carga sentimental de toda força psicológica humana. Dizer que em sua poesia ele se petrificou no tempo é dizer que essa petrificação, provavelmente, não pertence a todos os seus. E nutre-se de muitos interesses que precisam ser desvelados.

Nesse sentido, estar correta Starling (2008, p. 144): “[...] o sertão, por maior que seja, é o que não se vê”. Ou é também aquilo que não se deseja ou não se consegue mais enxergar. Portanto, não é possível pensar o sertão somente a partir da “estética da boniteza da dor”. É hora de superá-la.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Enredos da Tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença**. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 139-161.

AUGUSTO, Diego Meneses; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. A utilização dos mapas afetivos como possibilidade de leitura do território no CRAS. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 145-158, jun. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v7n1/a09.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

BERNASKI Joice; OLIVEIRA, Oseias. Compreensão de Sertão e Região nos relatos de José Francisco Thomaz do Nascimento. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 26, n. 3, p. 397-413, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/3216>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

CARDEL, Lídia Canudos. A “Essência” do Sertão Baiano. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 166-179, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/64564/37344>>. Acesso em: 07 maio 2017.

CRISTÓVÃO, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão). **Revista USP**, São Paulo, n. 20, p. 42-53, fev. 1994. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26899/28679>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

CRUZ, Tereza. Estética e Configuração da Experiência. In: ENCONTRO DE FILOSOFIA – ESTÉTICA E FILOSOFIA, 9., 1994, Coimbra. **Anais eletrônicos...** Covilhã: APF – Associação de Professores de Filosofia/Universidade da Beira Interior/LusoSofia: Press, 2011. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/20111019-estetica_e_filosofia.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2017.

DEMÉTRIO, Ágda. M. Valadares; BARBOSA, Rita M. Santos Puga. Apego, Afeto e Territorialidade: elos entre o idoso e seu ambiente. **BIUS – Boletim Informativo Unimotrisaude em Sociogerontologia**, Manaus, v. 7, n. 3, p. 29-44, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/BIUS/article/view/2876/2558>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

DUSCHATZKY, Sílvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros: narrando a Alteridade na cultura e na Educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença**. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-138.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 117-141, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13971/12802>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

LOPES, Dira Maria Ferlin. Cidades pequenas do Semiárido: dinâmicas sociodemográficas e marginalização. In: LOPES, Dira. M. F.; HENRIQUE, WENDEL H. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. p. 77-79. Disponível em: <<https://goo.gl/6SrK3I>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

MARC, René. Por onde o povo anda... caminhos da invisibilidade negra no sertão. In: SENA, Custódia Selma; SUARÉZ, Mireya. (Org.). **Sentidos do Sertão**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p. 67-99.

MACEDO, Helder Alexandre M. Escravidão indígena no sertão da Capitania do Rio Grande do Norte. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 449-462,

2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v28n56/09.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MEIRA, Jean Paul Gouveia; APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. Índigenas e colonizadores no Sertão da Capitania da Paraíba – 1740-1758. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – PIBIC/CNPq/UFCEG, 5., 2009, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: PROPEX/UFCEG, 2009. Disponível em: <http://pesquisa.ufcg.edu.br/anais/2009/ch/content/ciencias_humanas/Historia/Jean%20Paul.doc>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MONTEIRO, Luíra Freire; SILVA, Marinês Cavalcante da. Espaço e História: o Sertão da Paraíba na narrativa de Maximiano Lopes Machado. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ARQUIVOLOGIA, 18., 2014, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/xviiic/xviiic/paper/view/3383/2753>>. Acesso em: 09 maio 2017.

MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos**: textos sobre o Marxismo. Trad. M. L. Rodrigues e S. Tannus. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NUNES, Mônica Cristina Nascimento. **O sertão romântico**: leitura de O Sertanejo, de Alencar, e de Inocência, de Taunay. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

OLIVEIRA, Betty. A dialética do Singular-Particular-Universal. In: ABRANTES, Angelo A.; SILVA, Nilma Renildes da; MARTINS, Sueli T. Ferreira (Org.). **Método Histórico-Social na Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-51.

PATRIOTA, Fernando. Inácio da Catingueira: analfabeto, escravo, poeta repentista - notas sobre cultura e escravidão nos sertões do Nordeste. **Sæculum**, João Pessoa, n. 4/5, p. 223-231, jul./dez. 1998/1999.

PIRES, Flávia. F. Cidade, Casa e Igreja: sobre Catingueira, seus adultos e suas crianças. **Campos**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 65-79, 2007.

RIBEIRO, Darci. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RIBEIRO, Rayanne Kételle; SILVA, Telma Borges da. Histórico da Palavra Sertão em Grande Sertão: Veredas. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 18., 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: CiFEL, 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/04/005.pdf>. Acesso em: 05 maio 2017.

SANTOS, Sigiefredo Rufino. A presença negra e atividades econômicas no sertão paraibano – Séc. XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299089433_ARQUIVO_Apresenacanegranaiparaiba.pdf>. Acesso em: 05 maio 2017.

SECULT. **Plano Municipal de Cultura**. PMC – Prefeitura Municipal de Catingueira. Texto Mimeografado, 2012.

SILVA, Edilane Ferreira; COSTA, Érica Maria A.; MOURA, Geraldo Jorge B. Topofobia e topofilia em “A Terra”, de “Os Sertões”: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 253-260, mai/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v26n2/1982-4513-sn-26-2-0253.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

SUÁREZ, Mireya. Sertanejo: um personagem mítico. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 29-39, jan./jun. 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1777/2138>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

STARLING, Heloisa M. Murgel. A República e o Sertão. Imaginação literária e republicanismo no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 82, set. 2008.

SARAIVA, Marina Rebecca O. Territórios dos sentidos: da emergência dos processos de subjetivação na metrópole contemporânea. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá-PR, v. 11, n. 132, maio 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/16881/9095>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

VIEIRA, Natã Silva. **Trabalho e vida cotidiana do sertão nordestino na obra de Luiz Gonzaga**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.